
As Imagens do Povo Sertanejo nas Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco: Representações e Estereótipos¹

Priscilla Maria de Souza SILVA¹
Lucas Matheus Oliveira BARROS²
Carla Conceição da Silva PAIVA³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, Bahia

RESUMO

A imagem formada quanto a quem é o sertanejo e a representação criada para o povo nordestino por muito tempo se limitou a construções de pessoas, principalmente, de fora da região. Por meio de fotos e vídeos, ver-se que foi criado um padrão de características que estariam sempre ligadas às dificuldades dos sertanejos. No decorrer dos anos, devido às discussões da educação contextualizada e a convivência com o semiárido surgiu a necessidade de uma construção própria da representatividade local. Com o intuito de transmitir o que realmente está envolvido em fazer parte de um povo. Considerando, principalmente, a representação de um grupo local, o Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco, o objetivo é fazer uma análise da representação da região por meio de fotografias e avaliar se a prática do grupo consegue mudar os conceitos estereotipados sobre o Sertão.

PALAVRAS-CHAVE: Representação, análise da imagem, sertanejo.

INTRODUÇÃO

A fotografia sempre foi tida como o momento do clique, quando na realidade vai além e esse momento se torna apenas a concretização de uma ideia e interpretação do fotógrafo quanto a algo ou alguém. Machado (2000) afirma que "praticamente não existe uma reflexão sistemática sobre a fotografia como símbolo, no sentido peirceano do termo, ou seja, como a expressão de um conceito geral e abstrato", esse conceito de símbolo é importante para análise, principalmente, quando uma imagem se torna um meio de representação.

¹ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNEB, e-mail: priscillasouza-s2@hotmail.com

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNEB, e-mail: lucasmatheus942009@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UNEB, e-mail: ccspaiva@gmail.com

Neste sentido reafirma Arlindo Machado (2000):

A fotografia é a base tecnológica, conceitual e ideológica de todas as mídias contemporâneas e, por essa razão, compreendê-la, defini-la é um pouco também compreender e definir as estratégias semióticas, os modelos de construção e percepção, as estruturas de sustentação de toda a produção contemporânea de signos visuais e auditivos, sobretudo daquela que se faz através de mediação técnica. (p. 1)

Portanto a fotografia tem esse poder de constituir as imagens de todas as demais mídias contemporâneas. Os signos visuais compõem os modelos de construção que permanecem como caracterização de um povo. O uso de imagens que em si carregam mensagens que não necessitam do suporte do texto são comuns para definir culturas e conceitos ligados a um povo.

Desde 1950, a concepção de Nordeste é associada a signos de nordestinidade como a seca e a violência, além de caracterizar os nordestinos como personagens. Um desses, destacado na maioria das obras, é a imagem do vaqueiro como principal protagonista desse espaço, uma “figura associada umbilicalmente ao sertanejo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 211).

A representação do Nordeste sempre aconteceu de forma contraditória. A título de exemplo pode-se destacar os romances e as reportagens que nos deparamos ao longo da história sobre a região. Em sua maioria, a representação estereotipada prevalece. Através de produções, sejam elas cinematográficas, literárias ou pelo uso de imagens, é comum encontrarmos características como as fortes expressões nos rostos, imigrantes para sobreviver, fotografias em preto e branco para remeter ao passado, dentre outros que, pela construção da identidade nordestina, já estão ligadas a esse povo.

Entretanto, novos discursos começam a aparecer relacionados ao Semiárido a partir de uma outra visão, a perspectiva da convivência, que trazem agora um olhar de quem presencia as mudanças do clima nesse espaço e sabe das reais dificuldades encontradas. Uma proposta que pensa não o "combate à seca", mas a "Convivência com o Semiárido" que tem a liderança de movimentos sociais, setores da Igreja Católica e organizações

internacionais não governamentais. Para Carvalho, essas contribuições pensam “(...) criticamente na invenção do passado para a construção da História Oficial, questionando tais narrativas, e nesse exercício trazer outros ângulos” (2011, p.14) .

Esse artigo busca fazer uma análise sobre as novas formas de representação que surgem produzidas agora por pessoas que vivenciam essa realidade. Com base nas imagens produzidas pelo grupo Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco, utilizando como material de estudo as fotografias feitas nas saídas que aconteceram no mês de fevereiro de 2016 e agosto de 2017 realizadas na feira do bairro Alto da Maravilha em Juazeiro e na feira livre de Senhor do Bonfim, junto a teoria de análise de Martine Joly (2012) tendo em vista todos os conceitos criados como estereótipos e o que mudou com os próprios sertanejos mostrando que precisam de outra forma de representatividade que de fato esteja ligada a esse povo.

REPRESENTAÇÃO DO POVO NORDESTINO COM ÊNFASE NO GRUPO JORNADAS FOTOGRÁFICAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO

O grupo Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco foi formado, em setembro de 2010, por Marcus Ramos, professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco, fotógrafo paulista que tinha o desejo de retratar pontos da cidade que chamavam a sua atenção. Para tanto, ele convidou alguns amigos e o primeiro "desafio" foi registrar "A Parada da Diversidade", que aconteceu em Petrolina-PE, compondo a primeira saída do grupo, que desde então abriu espaço para outros fotógrafos.

O grupo, tem como objetivo mostrar, por meio das imagens, a vida, a cultura, pontos turísticos, artísticos e históricos do sertão do São Francisco. Outras pessoas, interessadas na fotografia e em conhecer mais desse local, podem se juntar ao grupo mesmo que não tenha muita habilidade com uma câmera. São encontros mensais em diferentes locais. O primeiro momento é fotografar o espaço escolhido, em seguida acontece uma discussão

técnica e artística onde todos podem mostrar as suas fotos e ajudar na escolha das que vão compor o site do grupo.

Marcus Ramos, afirma em entrevista que a missão é “documentar as riquezas e essa diversidade” encontradas na região semiárida. Para saber se de fato é o que acontece é necessário uma análise quanto às mudanças que podem estar ou não relacionadas à prática. Segundo Jodelet, "as mutações são fenômenos certamente importantes, mas raros. Ao contrário, as representações tendem a ser transformadas, mais do que reproduzidas exatamente, cada vez que são transmitidas." (2001, p. 100). A importância de um grupo com pessoas da região é justamente fazer com que essas mutações aconteçam dentro desse cenário de representação.

ANÁLISE: A REPRESENTAÇÃO SERTANEJA NAS IMAGENS DO GRUPO JORNADAS FOTOGRÁFICAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO

A fotografia possibilita várias interpretações, cria realidades de acordo com a leitura feita por cada pessoa. Segundo Joly (1996, p. 47), “(...) a análise da imagem pode desempenhar funções tão diferentes quanto dar prazer ao analista, aumentar seus conhecimentos, ensinar, permitir ler ou conceber com maior eficácia mensagens visuais”. A análise acontece com o objetivo de identificar detalhes da composição de uma imagem e discutir a função da fotografia em representações sociais.

Os primeiros registros fotográficos foram feitos em preto e branco. No decorrer do tempo com a melhoria de técnicas e avanços tecnológicos, as cores começaram a fazer parte da composição das fotos. O modo como a imagem é vista também está ligada às colorações presentes nela. Nos ajudam a compreender os sentimentos existentes ali. Analisar o tratamento escolhido para determinada cena pode apontar o objetivo do fotógrafo ao decidir congelar determinada lembrança, e pensar nela para “compreender a nossa própria existência” Manguel (2011, p. 21).

Ao acessar o site para escolha das imagens do grupo Jornadas fotográficas para análise, os retratos feitos de pessoas mais velhas e tratadas em preto e branco são recorrentes. O preto significa poder, superioridade; já o branco, está ligado a pureza, mas quando relacionados a uma foto, principalmente rostos em close, é usado para o destaque de expressões. Estas cores acompanhadas também do cinza, quando usadas juntas podem ser facilmente associadas a sentimentos como tristeza e depressão.



Figura 1 - Produção de CECÍLIO BASTOS

As figuras 1 e 2, produzida pelo fotojornalista Cecílio Bastos, bem como as figuras 3 e 4 do fotógrafo Bruno Gonzaga, carregam as características já citadas. O preto e o branco, com contraste variado por vezes leves e noutras mais acentuado, destaca a expressão das

peças. Fazendo, muitas vezes, uma ligação com o estereótipo do sofrimento sertanejo que luta pela própria sobrevivência.

Fotografia em retrato é feita quando o objetivo é destacar a essência do fotografado. Algumas vezes, também se relaciona a macrofotografia, ou seja, destaca detalhes e texturas do sujeito captado. Para essas imagens, é comum fotografias em close, com pontos de foco. Esses pontos direcionam o olhar de quem vai interpretar cada cena. Quando relacionado ao sertanejo, ter como ponto de foco o olhar em uma fotografia de plano fechado é fazer com que o nosso imaginário faça ligação com realidades criadas. Isso ocorre devido ao padrão de imagens encontradas sobre a região nordeste. Com aspectos detalhados de expressões de sofrimento e fragilidade.

Para Joly (2015) essa não é apenas uma forma de leitura de imagem, para além disso é um aprendizado:

(...) feito de maneira “natural” na nossa cultura, na qual a representação pela imagem figurativa tem tanta importância. Desde muito pequenos aprendemos a ler imagens ao mesmo tempo em que aprendemos a falar. Muitas vezes, as próprias imagens como servem de suporte para o aprendizado da linguagem. (p. 43)

Analisar uma imagem é tão natural para nós, que ao fazê-la ou interpretá-la temos de ter o cuidado em relacioná-la a referências distorcidas com leituras dramáticas do povo nordestino.



Figura 2 - Produção de CECÍLIO BASTOS



Figura 3 - Produção de BRUNO GONZAGA



Figura 4 - Produção de BRUNO GONZAGA

As figuras 5 e 6, produzidas pela fotógrafa Angela Maria estão coloridas. Tons vermelhos e marrons, são uma constante nessas fotografias. Ambas as cores, transmite um sentimento de melancolia. Pode ser associado a sentimentos como a timidez, a vergonha, passado. Na figura 5 o olhar vago e distante da senhora fotografada, transmite a emoções como essas citadas.



Figura 5 - Produção de ANGELA MARIA

Fotografias feitas na altura do olho (figura 5), em plano normal e fechado, evita distorções do objeto ou sujeito fotografado. Quando feitas em ângulos mais de cima para baixo (figura 6), mesmo que de forma leve, passa a impressão de esmagamento.

Em fotografias femininas, o uso desse ângulo contribui para afirmação da submissão da mulher nordestina, reafirmando estereótipos.



Figura 6 - Produção de ANGELA MARIA

Os traços das expressões das mulheres, destacados pela textura da foto devido ao uso do contraste, evidencia a afirmação de mulher sertaneja caracteristicamente representadas. Sendo forma de perpetuar o que é transmitido seja pela mídia ou literatura quanto ao padrão de povo nordestino.

CONSIDERAÇÕES

Após analisar as imagens de duas saídas do grupo Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco, é possível concluir que mesmo com o objetivo de mostrar outra visão do Sertão, a presença de características de representações estereotipadas ainda é uma constante.

Em sua maioria, as fotos em preto e branco, com contraste marcado ou coloridas em tons vermelhos e marrons, destacam as expressões de um povo considerado sofrido. Esses são detalhes encontrados em perfis já estabelecidos para personagens sertanejos. As imagens clássicas presentes no imaginário coletivo podem ser facilmente reproduzidas. Esse questionamento precisa ser levantado, para que não continuemos a perpetuar uma visão reducionista e superficial do povo sertanejo, mesmo em trabalhos que em tese pretendem romper com os estereótipos já definidos.

Joly (2016), afirma que

as imagens mudam os textos, mas os textos, por sua vez, mudam as imagens. O que lemos ou ouvimos a respeito das imagens, a maneira como a literatura, a imprensa, a sinalização apropriam-se delas, trituram-nas e apresentam-nas determina necessariamente a abordagem que fazemos delas. (p. 131).

A representação estabelecida por pessoas de fora acontece de forma distorcida por não presenciarem a história de um lugar. Quando perpetuada, é necessário uma nova construção de representatividade. Para que isso aconteça, as pessoas do próprio meio precisam participar dessa nova idealização da cultura. Mesmo que leve um tempo, a estruturação que de fato represente essa cultura precisa ser levada para a prática e acontecer de maneira consciente.

REFERÊNCIAS

JODELET, Denise. **Representações Sociais: Um domínio em expansão**. EdUERJ, Rio de Janeiro. 2001.

JOLLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, São Paulo:Papirus, 1996.

MACHADO, A. (2000). **A fotografia como expressão do conceito**. Studium, 2. <http://www.studium.iar.unicamp.br/does/>

JORNADAS, fotográficas do Vale do São Francisco. Disponível em: <http://jornadasfotograficas.blogspot.com.br/>.